



"MESTIÇO"

grandeza. E por isso talvez é que elle tende para a monumentalidade escultórica. Não quero dizer com isto que elle vá abandonar a pintura pela escultura, não creio. Mas as obras delle, si apresentam utilizações coloridas da superficie tão esplendidas como "turezza morta" (n. 21), na chri-"Natureza morta" (n. 21), tão audaciosas como no "Retrato" (n. 28) que tem um rosto duma impressionante vida interior; tendem cada vez mais á utilização do peso e do volume das formas. O sóco da Venus de Milo na "Natureza morta" (n. 21), os colonos no "Café", a propria massa do "Morro" grande, não pesam, são superficie. Mas já neste "Morro", certos elementos como o bezourente avião transatlantico, unico phantasma sonóro (faz uma bu-lha...) da obra de Portinari, revelam a lei da attracção. E isso culmina nessa monumental figura do "Mestiço", obra prima, que aturde na sua maravilhosa força expressiva, doloroso nos estygmas de bondade, de paciencia e de imbecillidade que leva, soffrido nessas mãos de trabalho em que a "neue Sachlichkeit" não esqueceu de ennegrecer as unhas, mas ao mesmo tempo obra de arte esplendida em que o oleo, sem desmentir á sua natureza, consegue no emtanto um peso e uma eternidade de bronze. E o "Preto da Enxada" não lhe fica quasi nada atraz.

Eu sei que para a amedrontada circumspecção paulista estes metes elegios poderão parecer excessivos. Mas Portinari é um artista no Brasil como em qualquer parte do mundo. Si, na sua mocidade, elle ainda não fez obra propriamente de criação original, a sua phase mais recente já denuncia um cunho individual que me parece personalissimo. Mas não é o individualismo que torna uma obra realmente original, é a sua força. E eu não hesitarei jámais em nomear um grande artista, desde que os impulsos mais sinceros de todo o meu sêr me levarem a designal-o.

como o pequeno "Morro" (n. 13) ou como o "Sorvetero", a applicação minuciosamente calculada das perspectivas, a disposição das massas, a distribuição dos tons quentes, frios ou neutros, a salientação voluntaria dos volumes, criam composições duma logica tão rija, que esses quadros têm certo quê de monumental, de força escultórica. A habilidade de composição de Portinari é realmente extraordinaria aliás. No "Café", no grande "Morro" (n. 9) (em que me desagradam um bocado o enchimento neutro do telhado de zinco no primeiro plano e a inquietação movimentada do ultimo plano), na linda "Natureza morta" (n. 21), na chri-quesca "Prata" em tons quentes, ou no esplendido retrato de "Francisco Lequio", a gente percebe a

Prata

